EDECT
II Encontro Internacional Decolonizando a Educação Científica e Tecnológica
III Simpósio Internacional: Educación en Biología y Construcción de Ciudadanías
III Descolonizando Imaginários
03 à 06 de Fevereiro 2026
CFH - Centro de Filosofia e Ciências Humanas - UFSC

ENTRE O CORPO E O CONTEXTO: REPENSANDO O ENSINO SOBRE DROGAS A PARTIR DA MÚSICA ANIVERSÁRIO DE SOBRIEDADE

Entre el cuerpo y el contexto: repensando la enseñanza sobre las drogas a partir de la canción aniversario de sobriedad

Leonardo Gonçalves[1]; Janaina Alves de Souza[2]

[Modalidade de apresentação: Presencial]

O ensino sobre drogas na BNCC aparece restrito à habilidade EF06CI10 — "explicar como o sistema nervoso pode ser afetado por substâncias psicoativas", limitando-se ao aspecto fisiológico e negligenciando dimensões sociais e raciais, o que tende a reforçar visões moralizantes. A música, especialmente o rap, pode tensionar essa perspectiva ao articular vivências, desigualdades e resistências. Este texto objetiva evidenciar como elementos artísticos e narrativos da música "Aniversário de sobriedade", de Black Alien, podem integrar uma abordagem decolonial para o tema.

A pesquisa é qualitativa e analisa a letra da música com base em referenciais histórico-sociais sobre políticas de drogas (Saad, 2018) e em categorias como necropolítica (Mbembe, 2016) e colonialidade do poder (Quijano, 2005), destacando como a criminalização das substâncias no pós-abolição operou como mecanismo de controle racial. Esses conceitos permitem interpretar como o Estado produz desigualdades no acesso à vida digna e ao tratamento destinado a determinados corpos.

A letra atua em duas frentes: a dimensão biográfica, marcada pela autodestruição e pelo impacto das drogas na criação artística; e a dimensão social, que evidencia o vício como expressão de desigualdades e exclusão, como na "atração pelo caos" ou na falência de projetos de vida atravessados por consumo e violência. Essa leitura dialoga com Saad (2018), ao mostrar que políticas de drogas no Brasil funcionam historicamente como dispositivos de criminalização racializada.

A referência à internação desloca o debate da substância para a experiência humana da dependência. Esse movimento articula a noção de necropolítica (Mbembe, 2016), ao evidenciar como certas vidas são tratadas ou descartadas segundo critérios de raça, classe e território. De modo complementar, a colonialidade do poder (Quijano, 2005) ajuda a

[1] UFSC: leonardogrbio@gmail.com
[2] UFSC; jana.boo23@gmail.com

compreender como vulnerabilidades e expectativas de futuro são produzidas socialmente, expondo determinadas populações a maior sofrimento e violência.

Assim, a obra não apenas explicita efeitos fisiológicos, mas questiona por que e em quais contextos sociais esse afetamento ocorre, contribuindo para uma educação sobre drogas de caráter decolonial. No ensino de Ciências, a música pode introduzir discussões sobre sistema nervoso, neurotransmissores, tolerância e abstinência, articulando esses conteúdos à compreensão de que o proibicionismo opera dentro de estruturas necropolíticas e coloniais que definem quais corpos são mais expostos à criminalização e ao abandono. Essa abordagem aproxima o currículo das experiências concretas dos estudantes e reconhece saberes frequentemente silenciados pelas narrativas biomédicas tradicionais.

Palavras-chave: Educação sobre drogas; Rap; Decolonialidade; Epistemologias do Sul.
Palabras-clave: Educación sobre drogas; Rap; Decolonialidad; Epistemologías del Sur.

Referências

MBEMBE, Achille. Necropolítica. Arte & Ensaios, n. 32, p. 122–151, 2016.MBEMBE, Achille. Necropolítica. Arte & Ensaios, n. 32, p. 122–151, 2016.
SAAD, Luísa. “Fumo de negro”: a criminalização da maconha no pós-abolição. Salvador: EDUFBA, 2018.
QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, Edgardo (Org.). A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas. Buenos Aires: CLACSO, 2005. p. 227-278.